

**NOVOS
POEMAS**

1938

E

**CINCO
ELEGIAS**

1943

**VINICIUS
DE MORAES**

**COLEÇÃO
VINICIUS DE MORAES**
COORDENAÇÃO
EDITORIAL
EUCANAÃ FERRAZ

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by V. M. Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

warrakloureiro

Imagens de capa

Grafismo © AIA/Glow Images. Sapato © MADOZ, Chema/
Licenciado por Autvis, Brasil, 2012. Fotografia; sem título, 1993.

Estivador ajusta a barça ao rebocador, ao fundo se vê
a Tower Bridge, dezembro de 1949. Londres, Inglaterra.

© Hulton-Deutsch. Collection Corbis/LatinStock

Pesquisa

Daniel Gil

Victor Rosa

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Valquíria Della Pozza

Jane Pessoa

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Vinicius de, 1913-1980.

Novos poemas, Cinco elegias / Vinicius de Moraes. — 1ª ed. —

São Paulo : Companhia das Letras, 2012. — (Coleção Vinicius
de Moraes / coordenação editorial Eucanaã Ferraz)

ISBN 978-85-359-2033-8

1. Poesia brasileira I. Ferraz, Eucanaã. II. Título. III. Título: Cinco
elegias, 1943. IV. Série.

12-03407

CDD-869.g1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.g1

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: [11] 3707 3500

Fax: [11] 3707 3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

NOVOS POEMAS 7

Ária para assovio	13
Amor nos três pavimentos	14
Soneto de intimidade	15
Viagem à sombra	16
O mágico	18
Balada feroz	21
Soneto à lua	24
Invocação à mulher única	25
Soneto de agosto	27
A máscara da noite	28
A mulher que passa	31
Vida e poesia	33
Soneto simples	34
Sonata do amor perdido	35
A brusca poesia da mulher amada	37
Soneto a Katherine Mansfield	38
O cemitério na madrugada	39
Princípio	42
Soneto de contrição	45
Idade Média	46
Solilóquio	47
Soneto de carta e mensagem	51
A vida vivida	52
Lamento ouvido não sei onde	54
Ternura	55
Soneto de devoção	56
Balada para Maria	57
Três retratos	59

Poema para todas as mulheres 61

Soneto de inspiração 62

O falso mendigo 63

CINCO ELEGIAS 65

Elegia quase uma ode 71

Elegia lírica 78

Elegia desesperada 84

Elegia ao primeiro amigo 92

A última elegia (v) 97

postácio

Poeta de muitas técnicas,
por Eduardo Coelho 105

arquivo

Belo, forte, jovem,
por Mário de Andrade 123

cronologia 131

créditos das imagens 139

NOVOS POEMAS

ÁRIA PARA ASSOVI0

Inelutavelmente tu
Rosa sobre o passeio
Branca! e a melancolia
Na tarde do seio.

As cássias escorrem
Seu ouro a teus pés
Conheço o soneto
Porém tu quem és?

O madrigal se escreve:
Se é do teu costume
Deixa que eu te leve.

(Sê... mínima e breve
A música do perfume
Não guarda ciúme.)

Rio, 1936

AMOR NOS TRÊS PAVIMENTOS

Eu não sei tocar, mas se você pedir
Eu toco violino fagote trombone saxofone.
Eu não sei cantar, mas se você pedir
Dou um beijo na lua, bebo mel himeto
Pra cantar melhor.
Se você pedir eu mato o papa, eu tomo cicuta
Eu faço tudo que você quiser.

Você querendo, você me pede, um brinco, um namorado
Que eu te arranjo logo.
Você quer fazer verso? É tão simples!... você assina
Ninguém vai saber.
Se você me pedir, eu trabalho dobrado
Só pra te agradar.

Se você quisesse!... até na morte eu ia
Descobrir poesia.
Te recitava as “Pombas”, tirava modinhas
Pra te adormecer.
Até um gurizinho, se você deixar
Eu dou pra você...

SONETO DE INTIMIDADE

Nas tardes de fazenda há muito azul demais.
Eu saio às vezes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nu de fora
No pijama irreal de há três anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a água fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspendo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme
E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

Campo Belo, 1937

VIAGEM À SOMBRA

Tua casa sozinha — lassidão dos devaneios, dos segredos. Frocos verdes de perfume sobre a malva penumbra (e a tua carne em pianíssimo, grande gata branca de fala moribunda) e o fumo branco da cidade inatingível, e o fumo branco, e a tua boca áspera, onde há dentes de inocência ainda.

És, de qualquer modo, a Mulher. Há teu ventre que se cobre, invisível, de odor marítimo dos brigues selvagens que eu não tive; há teus olhos mansos de louca, ó louca! e há tua face obscura, dolorosa, talhada na pedra que quis falar. Nos teus seios de juventude, o ruído misterioso dos duendes ordenhando o leite pálido da tristeza do desejo.

E na espera da música, o vaivém infantil dos gestos solenes de magia. Sim, é dança! — o colo que aflora oferecido é a melodiosa recusa das mãos, a anca que irrompe à carícia é o unguido pudor dos olhos, há um sorriso de infinita graça, também, frio sobre os lábios que se consomem. Ah! onde o mar e as trágicas aves da tempestade, para ser transportado, a face pousada sobre o abismo?

Que se abram as portas, que se abram as janelas e se afastem as coisas aos ventos. Se alguém me pôs nas mãos este chicote de aço, eu te castigarei, fêmea! — Vem, pouza-te aqui! Adormece tuas íris de ágata, dança! — teu corpo barroco em bole-ro e rumba. — Mais! — dança! dança! — canta, rouxinol! (Oh, tuas coxas são pântanos de cal viva, misteriosas como a carne dos batráquios...)

Tu que só és o balbucio, o voto, a súplica — oh mulher, anjo,

cadáver da minha angústia! — sê minha! minha! minha! no ermo deste momento, no momento desta sombra, na sombra desta agonia — minha — minha — minha — oh mulher, garça mansa, resto orvalhado de nuvem...

Pudesse passar o tempo e tu restares horizontalmente, fraco animal, as pernas atiradas à dor da monstruosa gestação! Eu te fecundaria com um simples pensamento de amor, ai de mim!

Mas ficarás com o teu destino.

O MÁGICO

A Prudente de Moraes, neto

Diante do mágico a multidão boquiaberta se esquece. Não há mais lugar na Grande Praça: as ruas adjacentes se cobrem de uma negra onda humana. Em todas as casas a curiosidade do mistério abriu todas as janelas. A espantosa fachada da Catedral se apinha de garotos acrobatas que se penduram nos relevos como anjos. É talvez Paris do Terror, porque os velhos pardieiros como que se inclinam para o espetáculo incessante e na porta das hospedarias há velhas tabuletas pendentes, mas também pode ser uma vila alemã, onde as campainhas das lojas tilintam alegremente, ou mesmo o Rio do tempo dos Vice-Reis, com os seus Capitães-Mores traficando em suas redes e fitando duramente o artista.

O mágico está sobre o antigo pelourinho ou forca ou guilhotina por onde muitas gerações passaram.

As abas da sua casaca vão ao vento — é uma negra andorinha saltitante! As brancas mãos se misturam em ondulantes movimentos de dança.

É de tarde, hora do trabalho. Na primeira fila estão os senhores e na última os escravos do dever. Os senhores procuram adivinhar, os escravos procuram rir. O mágico se diverte com a multidão, a multidão se diverte com o mágico. Um filósofo e um dançarino perdidos confundem a multidão com o mágico e aguardam.

Todos se divertem à sua maneira.

*

Silêncio, o mágico fala, todos escutam! “*Ahora, presentaré el famoso entretenimiento de las palomas.*” A dama oriental faz uma pirueta ágil e mostra ao público a cartola milagrosa. O mágico faz passes, cobre a cartola com um lenço vermelho de seda. “*Un dos y...!*” voam pombas brancas para o céu de safira. A multidão olha para cima, as mãos aparando o sol. O movimento prossegue. Toda a praça, toda a rua, toda a cidade olha para cima, o subúrbio olha para cima, os camponeses olham para cima. “O que estará para acontecer? Dizem que um tufão caminha do levante!” Acendem-se ícones nas isbás da estepe russa, fazem-se procissões em Portugal. O chefe guerreiro da tribo negra vê o sinal da guerra no céu, rugem os trocanos. O mágico joga a cartola para a multidão, que aplaude. O poeta apanha a cartola e recolhe nela o encantamento que se processou. As pombas invisíveis voltam, o poeta as contempla. Só elas são o Íntimo da Vida.

*

E o tufão cai de súbito, vindo do levante. Os garotos escorrem pelas colunas, formigam pelas escadarias, escondem-se nos nichos. O povo se escoia como uma água lodosa pelas portas das casas que abrem e fecham. A um gesto de *guignol* todas as janelas se retraem e após um minuto de rumor intenso desce uma eternidade de silêncio. Uma procelária passando em busca do mar só vê da cidade as suas torres acima

do grande nevoeiro. Os rios rugem, as pontes desabam, nas sarjetas boiam cadáveres de crianças ciganas. O dilúvio leva a música do mágico, leva as pinturas do mágico, leva as bonecas do mágico, só não leva o mágico na torrente.

O poeta sobe ao palanque, castiga o mágico, possui a mulher do mágico, apresenta ao alto a cabeça e o coração, onde surgem e desaparecem pombas brancas e onde a realidade efêmera floresce no mistério perpétuo.

Mágico do inescrutável, o poeta aguarda o raio de Deus.